Folklore do Paraná

(FANDANGO DE GUARATUBA)

Por MARIZA LIRA

Há uma forma de fandango, em Guaratuba, chamado do "Rincão Pequeno". Na fase da chimarrita os instrumentais cantam "a porfia" ou seja o desafio.

Permitam-me apresentar-lhes os dois cantadores que vão "porfiar" por um copo de cachaça: Zé Barata, violeiro, caboclo; Ricardo Chico, homem do prato e do pandeiro, negro.

Vai ter início a porfia em tórno da questão da côr da pele.

Zé Barata joga os cumprimentos:

Meu sinhô dono da casa,
 Desculpe a minha esperteza,
 Mas cantadô sem cachaça,
 Não pode fazer grandeza.

O negro retruca pernóstico:

Eu não sei porque o caboclo
 Quando não bebe chachaça
 É capaz de ficar louco
 Que nem corvo na fumaça.

O caboclo não se agasta:

Caboclo bebe cachaça
 Bebendo se cria e cresce
 Triste do negro no mundo
 Que nem cachaça conhece.

A porfia continúa numa troca de críticas mais ou menos acêrbas até que é lançado pelo caboclo o último ridículo:

Onde é que o negro algum dia
 Mete o caboclo no saco?
 Caboclo é raça de gente
 Negro é raça de macaco.

Mas o negro ainda censura:

O negro não sendo nada
 Ao menos é obediente

O caboclo até cantando
 Quer se fazer de valente.

E encerram a porfia cantando ambos:

Com êste copo na mão
 Uma saúde vou fazer
 Quem não vier no fandango
 De peste há-de morrer.

Há várias formas de "porfias", mas, ao contrário do desafio, raramente há agressão. Aliás, um característico notável: o paranaense não é rixento.